

Mata, Inocência: O texto colonial: uma questão estético-ideológica

O ensaio questiona a problemática da literatura colonial, baseando-se, em especial, na categoria do Espaço.

Haverá uma estética colonial?

Primeiramente é preciso ter presente que o colonialismo é, em última instância, uma situação social. E o social abrange o político, o histórico, o económico, o ideológico e o cultural (o estético, o antropológico, enfim). Assim, quando se fala em literatura, é inevitável falar-se do ideológico e do cultural, sobretudo em África onde as literaturas nasceram, historicamente, de uma conflitualidade, para protestar contra uma situação que era uma situação de conflito entre duas culturas, a portuguesa e a outra.

Antes de mais é bom definir o conceito de *ideologia*: não utilizo aqui a palavra na sua acepção política, como representação e expressão de um ideal de sociedade mas como mundividência, isto é, como um sistema de valores morais, éticos, sociais, culturais e até metafísicos, de imagens, de representações de que uma comunidade se serve para interpretar o mundo que a rodeia e através do qual (o sistema) orienta a sua acção na História. É nesse sentido que utilizo o conceito *ideologia*: algo que funciona como um verdadeiro inconsciente (Claude Prévost)¹.

A portugalidade, portanto, conceito político e sociológico proposto por Alfredo Pimenta e redimensionado por Pinharanda Gomes em *Fenomenologia da Cultura Portuguesa*² e que não pressupõe uma dimensão cronológica, e um conceito-base na estruturação e formulação sócio-ideológica (e político-socio-lógica) sobre uma “ultramarinidade histórica” - um conceito sócio-político-ideológico-cultural. Assim, a portugalidade revelou-se através de uma ideologia, a *Ideologia Cultural*, forjada com um determinado fim: a eficácia da dominação política e económica.

Mas, o que é a ideologia colonial? É um conceito proposto por um estudioso da literatura colonial francesa, Bernard Mouralis.³ Para ele, que retoma um outro conceito do binómio cultura nacional/ cultura colonial, de Aimé Césaire,⁴ a ideologia colonial condiciona todo um sistema civilizacional: a sua filosofia, as suas manifestações folclóricas, o seu imaginário, o seu código moral e ético. E é importante notar que é um sistema forjado: quero dizer, não se trata nem da cultura do colonizador nem da cultura do colonizado: é um sistema marginal, porque não é de ninguém, é artificial porque

assenta em bases alheias à cultura (o que é a *cultura* ? É a remodelação da natureza pelo Homem, com vantagens para a *sua* vida, na definição de Ruth Benedict). E a cultura colonial é a síntese de aspectos culturais com carácter de instrumentalização ideológica; a ideologia colonial utiliza-a para a destruição de uma civilização, a negro-africana, e distorção da outra, a europeia - isso, no caso do colonialismo europeu em África. E essa ideologia colonial plasma, isto é, está subjacente em vários modos de expressão da actividade humana: o histórico (ideias como: “o colonialismo teve o seu lado positivo”), o político (“a independência foi mal feita”), o económico-social e o científico-cultural porque nem a ciência é isenta da vertente política de ideologia: no século XIX, por exemplo, o Conde de Gobineau escreveu um tratado em quatro volumes, *Essais sur l'Inégalité des Races Humaine*, sobre a superioridade da dolicocefalia, no campo da Fisiologia; ou os estudos de Vacher de Lapouge, no campo da Sociologia biológica, sobre a superioridade do ariano, *L'Aryen, son rôle social*. Portanto, nem a ciência consegue ser um campo neutro, embora seja o menos ideologizado. Se a ideologia influencia um campo tão pouco parcial, o que não fará na cultura? Portanto, este nível intervém no sistema educacional, nos estudos etnológicos, antropológicos, históricos - uma situação que justifica bem ensaios como “Le noir est un homme”, de Georges Balandier.⁵

Neste contexto, o da Expressão Cultural, interessa-nos a Literária e, dentro dela, a actividade literária cuja base ideológica seja a mesma das outras formas do discurso cultural sob o signo da ideologia colonial, isto é, que faça *intertexto*, que faça cruzamentos com outros textos coloniais - a Intertextualidade Colonial.

Que entendo aqui por *Intertextualidade*? Nos romances de Agatha Christie há sempre uma Miss Marple; também na obra de Gabriel Garcia Márquez há personagens que são recorrentes: o coronel Aureliano Buendia, o coronel Gerinaldo Márquez, entre outras. Estas são intertextualidades actanciais. Há outras, por exemplo, a histórica. Podemos definir, para abreviar, a intertextualidade como a reutilização de formas de expressão e/ ou de conteúdos de um texto por outro. Mas é mais do que isso, mais do que dialogismo textual bakhtiniano, retomado por Julia Kristeva. Não só as suas relações dialógicas com a “memória do sistema semiótico literário”⁶ (V. M. Aguiar e Silva), mas aqui também com o sistema ideológico. Esse tipo de intertextualidade exoliterária é mais subtil: o leitor não se apercebe dela porque actua ao nível da recepção, do *efeito de leitura* e diz respeito à subjacência ideológica, à filosofia política. É essa a intertextualidade colonial, que não se limita à criação dos mesmos actantes (colono/ trabalhador/ mulher negra/ ajudante e amigo negro/ mau colono/ espaço hostil, etc.) mas antes releva da dimensão pragmática e programática dessa ideologia na sua vertente expansionista. E o texto literário é, tão somente, uma manifestação dessa vertente.

Portanto, chegamos ao cerne da questão: pode falar-se de uma portugalidade literária? Quais são os signos que ela estruturou?

Quando soubermos responder a estas questões, estaremos em condições de identificar um “texto colonial”, porque teremos os parâmetros para a sua caracterização estética. Todavia, é importante ter em conta que “literatura colonial” não se opõe a “literatura anticolonialista” / “literatura de combate” mas a “literatura nacional”. Do mesmo modo, é preciso ter em conta que não se trata de inventariar “sinais de autenticidade” mas ver, na História (da literatura) qual o lugar de cada texto. E como? Optei por resumir as componentes fundamentadoras dos (dois) conjuntos discursivos (processo de que, por razões óbvias, vou só apresentar o resultado), com base na percepção e expressão do *Espaço* que é, acima de tudo, o fundamento de toda a relação entre o sujeito (escrevente) e o meio-ambiente. Ensaiei a análise isolando duas classes textuais através das quais me propus interpretar, nesses textos, as diversas dimensões da Espacialidade neles representadas: a geográfica (física), económica, social, psicológica, cultural, etc.

Essas duas classes são:

1. A semântica dos conteúdos temáticos, isto é, os motivos composicionais, o enredo, a relação entre as personagens.

Concretizando:

Nesses textos, que eu classifiquei de *coloniais*, a estória começa sempre com uma viagem: há um jovem português que, por qualquer motivo (sentimental, familiar, político, financeiro ou outro), decide *viajar* para a África; ele é pobre mas trabalhador, honesto, diligente, generoso, patriota (reparem-se nestes adjectivos, de projecção espiritual!); quando chega, não possui nada, tudo lhe é hostil desde o espaço às pessoas (a cultura local); todavia, persistente como é, consegue vencer (ou não), impor-se e conseguir integrar-se e ganhar a simpatia da população local que o ajuda nessa tarefa. Essa população é simultaneamente adjuvante e destinatário da empresa da “civilização”. Portanto, as personagens negras não são *sujeito* da estória, apenas parte integrante do espaço!

A *viagem* é um elemento muito importante que vai revelar um aspecto definidor: a personagem não pertence aquele espaço (físico e cultural). A construção épica do texto se insinua então porque “o indivíduo épico, o herói de romance, nasce desta alteridade do mundo exterior”⁷ (Georg Lukács). Assim a personagem vai-se tornando cada vez mais heroicizada pela saudade da terra e da família e pelas dificuldades de sobrevivência. É assim que esses textos constroem uma *epopeia do colonizador*. A própria estrutura iniciática (saída da terra → dificuldades → vitória/recompensa) aponta para o encontro “civilizante” Portugal – África: o recém-chegado que a princípio não suporta

aquele tipo de alimentação, aquele clima, aqueles hábitos, usos e costumes, torna-se um defensor do mundo africano como em “Nga-Sakirila”⁸, de Viana de Almeida. Além de que, através da viagem que estrutura uma unidade temática na/da estória, gera-se uma unidade geográfica de Portugal, realização da pluricontinentalidade, porque esse herói vai continuar o espaço português - também através da miscigenação: geralmente ele casa-se com uma nativa e tem filhos actualizando a multirracionalidade. Mesmo quando esse herói não regressa, como Pedro da Maia em *Muende*⁹, de Rodrigues Júnior, ou Álvaro em *Fortunas d’África*¹⁰, de M. Récio e Domingos S. de Freitas, a derrota (morte ou aniquilamento moral) faz dele vítima e acentua a positividade do império.

Vejam, no contexto da contaminação heróica, um poema de Tomaz Vieira da Cruz, o chamado “poeta da musa mulata”, um português radicado em Angola, onde viveu e escreveu toda a sua obra (*Quissange-Saudade Negra*, 1932; *Tatuagem*, 1941; *Cazumbi*, 1950; *Cinco Poesias da Africa*, 1950): “Colono” é um poema em que o ultranacionalismo imperial português se conjuga com a imagética mítica da África. Mas ainda assim, um precursor da atitude de assumida valorização da terra angolana que iria eclodir nos anos 40/50 e não mais parar.

2) Mas este aspecto aponta já para o modo de *representação*, outra classe textual definidora desse tipo de literatura.

Notas:

1. Claude Prévost, *Literatura, Política, Ideologia*. Col. Temas e Problemas, Lisboa, Moraes Editores, 1976, p. 172.
2. Pinharanda Gomes, *Fenomenologia da Cultura Portuguesa* (ensaio), Col. Unidade, Lisboa, Agência-Geral do Ultramar, 1970.
3. Bernard Mouralis, *Littérature et Développement* (essai sur le statut, la fonction et la représentation de la littérature négro-africaine d’expression française), Paris, Silex Éditions/Agence de Coopération Culturelle et Technique, 1984, p. 32 e ss/p. 48.
4. Aimé Césaire, «Culture et Colonisation’ », in *Présence Africaine*, 6 Juin--Novembre, 1956. *Discurso sobre o Colonialismo*. Lisboa, Cademos Livres, Sá da Costa, 1978
5. Georges Balandier , «Le noir est un homme», In *Présence Africaine*, Novembre/ 1947.
6. Vítor Manuel Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, Vol. I 5ª ed., Coimbra, Livraria Almedina , 1983, p. 628.
7. Georg Lukács, *Teoria do Romanc e*, Biblioteca de Ciências Humanas, Lisboa, Editorial Presença , s/d., p.66
8. Viana de Almeida, “Nga-Sakirila” , In *Maiá Poçón* (contos), Lisboa, Edições Momento, 1937
9. Rodrigues Júnior, *Muende* (romance), Lourenço Marques, África Editora, 1960
10. Manuel Récio e Domingos S. de Freitas, *Fortunas d’África* (novela). Lisboa, Casa Ventura Abrantes, 1933

(MATA, Inocência. *Literatura angolana: Silêncios e falas de uma voz inquieta*. Lisboa: Mar além, 2001, p. 48–54)

Atividades:

1. Defina as características do “texto colonial”.
2. Problematize o motivo da viagem no “texto colonial”.